

RESUMO

O presente estudo se enquadra na dimensão dialogal da Igreja. Assim, num primeiro momento, considera a perspectiva atual do magistério discorrendo sobre a teologia do diálogo dos Papas Francisco e Leão XIV. Num segundo momento, o tema da teologia do diálogo é relacionado com o pensamento do teólogo belga Adolphe Gesché. Neste intercâmbio, fundamenta-se a pertinência de uma teologia do diálogo na explicitação da natural perspectiva de abertura do Cristianismo. Tal abertura, que expressa as dimensões relacional e dialogal na essência do Cristianismo, é trabalhada por Gesché sob sua conceituação de campos de imanência.

Palavras-Chave: Teologia, diálogo, abertura, campos de imanência.

ABSTRACT

This study fits into the dialogical dimension of the Church. Thus, it first considers the current perspective of the magisterium, discussing the theology of dialogue of Popes Francis and Leo XIV. Secondly, the theme of the theology of dialogue is related to the thinking of Belgian theologian Adolphe Gesché. This exchange establishes the relevance of a theology of dialogue in explaining the natural perspective of openness in Christianity. This openness, which expresses the relational and dialogical dimensions at the heart of Christianity, is explored by Gesché in his conceptualization of fields of immanence.

Keywords: Theology, dialogue, openness, fields of immanence.

1. INTRODUÇÃO

Falar do diálogo evoca um elemento que se tornou central em diversas áreas do pensamento atual e conseqüentemente também na perspectiva eclesial, de forma que este é um conceito chave no Concílio Vaticano II. Assim sendo, pensar numa teologia do diálogo é algo atual e necessário no horizonte da missão da Igreja e para a compreensão de que as instâncias de diálogo que a Igreja empreende não contradizem sua verdade, antes servem para elucidar aspectos essenciais de sua identidade, conforme bem lembrou o Cardeal Walter Kasper: “a Igreja é dialogal por sua essência. Ela não é uma grandeza fechada em si mesma. Ela só é Igreja a partir de Deus e no ato de escutar o que Ele diz” (2012, pp. 371-372).

Isto posto, recorrendo ao magistério recente dos papas Francisco e Leão XIV, é possível, destacar uma teologia do diálogo que caracteriza-se como uma abordagem que busca a aproximação respeitosa entre diferentes igrejas cristãs, tradições religiosas e saberes, visando a partilha, troca de dons, construção de caminhos de paz, promoção à dignidade humana, sem prescindir do chamado à missão de evangelizar, dado que “o diálogo é um elemento da própria missão” (KASPER, 2012, p. 370).

A teologia do diálogo apresentada dos magistérios de Francisco e Leão XIV revela-se tão relevante e atual que possibilita relacioná-la com o pensamento de Adolphe Gesché; um teólogo moderno que na academia adquiriu um relevo particular, não somente no âmbito teológico, mas também secular. E isso justamente porque Gesché pode ser considerado um teólogo do diálogo, pois soube como poucos comunicar-se com a cultura contemporânea com destacada capacidade de explorar os conteúdos da fé em categorias compreensíveis para a atualidade.

Portanto, no método de relacionar tais perspectivas, este estudo passa da apresentação de horizontes de conceitos específicos da teologia do diálogo ao próprio ato de um teólogo em diálogo. Neste ato, Gesché, através de uma epistemologia da estrutura interna do cristianismo, extrai dos elementos mais genuínos do cristianismo posições que questionam qualquer pretensão de absolutismos e fechamentos auto-referenciais.

2. A TEOLOGIA DO DIÁLOGO NO PONTIFICADO DE FRANCISCO

Ao olhar para o pontificado do Papa Francisco, seja pelo seu magistério oficial, seja pelas suas posturas, fica claro sua pedagogia do diálogo. Desde a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, verifica-se sua preocupação em pensar na missão da teologia intimamente ligada ao qualificativo dialogal.

Uma vez que não basta a preocupação do evangelizador por chegar a cada pessoa, mas o Evangelho também se anuncia às culturas no seu conjunto, a teologia – e não só a teologia pastoral – em diálogo com outras ciências e experiências humanas tem grande importância para pensar como fazer chegar a proposta do Evangelho à variedade dos contextos culturais e dos destinatários. A Igreja, comprometida na evangelização, aprecia e encoraja o carisma dos teólogos e o seu esforço na investigação teológica, que promove o diálogo com o mundo da cultura e da ciência. Faço apelo aos teólogos para que cumpram este serviço como parte da missão salvífica da Igreja. Mas, para isso, é necessário que tenham a peito a finalidade evangelizadora da Igreja e da própria teologia, e não se contentem com uma teologia de gabinete (2013, n. 133).

Antes de continuar apresentação da perspectiva de Francisco acerca da teologia de diálogo é preciso observar que todo seu magistério é marcado por tal dimensão e, considerando os objetivos deste estudo, o presente artigo foca em apontamentos extraídos particularmente da constituição *Veritatis Gaudium*, que trata o tema das universidades e faculdades eclesiais e do discurso proferido num simpósio teológico.

No dia 21 de junho de 2019 o Papa Francisco, em visita a Nápoles, proferiu um discurso por ocasião de um simpósio teológico cujo tema em pauta era “a teologia depois da *Veritatis Gaudium* no contexto do mediterrâneo”. Buscando responder à pergunta acerca de qual seria a teologia adequada para aquele contexto, Francisco deu indicações que expressam a hermenêutica teológica de seu magistério e por isso têm implicações em nível universal.

Para Francisco faz-se necessário uma teologia do acolhimento e do diálogo! Mas o que o papa entende e pede quando fala de uma teologia do diálogo? No discurso citado, Francisco diz que a teologia do diálogo parte de um chamado que visa a construção de uma sociedade melhor.

a teologia (...) está chamada a ser uma teologia do acolhimento e a desenvolver um diálogo sincero com as instituições sociais e civis, com os centros universitários e de pesquisa, com os líderes religiosos e com todas as mulheres e homens de boa vontade, para a construção na paz de uma sociedade inclusiva e fraterna e também para a preservação da criação (FRANCISCO, 2019).

De antemão, ao olhar para o magistério de Francisco pode-se localizar a teologia do diálogo na dimensão social da evangelização na linha do capítulo IV da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, já citada acima. Neste capítulo da exortação, Francisco detalha os lugares de diálogo que a Igreja deve se fazer presente:

Existem sobretudo três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica (2013, n. 238).

Ainda no esforço de circunstanciar a teologia do diálogo verifica-se que Francisco insiste nesta dimensão na constituição *Veritatis Gaudium* que trata o tema da universidade e faculdades eclesiais. Neste documento o papa estabelece quatro critérios¹ que devem ser pano de fundo para uma renovação dos estudos eclesiais na perspectiva de uma Igreja em saída missionária. Nestes critérios o diálogo ocupa o segundo lugar conforme o número 4 da constituição:

Segundo critério inspirador [...] é o diálogo sem reservas: não como mera atitude tática, mas como exigência intrínseca para fazer experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas. (...) Como destacou o Papa Bento XVI, “a verdade é “lógos” que cria “diá-logos” e, conseqüentemente, comunicação e comunhão” (2017, n. 4).

Pode-se dizer que o significado da teologia do diálogo para Francisco consiste numa metodologia que qualifica o fazer teológico como instrumento de evangelização e proclamação da Palavra de Deus. Assim, numa clara menção à *Evangelii Gaudium*², enfatiza-se a atitude dialógica da teologia na cultura considerando que “o modo dialógico de proceder é o caminho para alcançar onde se formam os paradigmas, as formas de sentir, os símbolos e as representações das pessoas e dos povos” (FRANCISCO, 2019).

1 - O primeiro critério é a “contemplação e introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do querigma”. O segundo critério é o “diálogo” conforme veremos. O terceiro é “a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação”. O quarto é a “necessidade urgente de ‘criar rede’ entre as várias instituições que, em todas as partes do mundo, cultivam e promovem os estudos eclesiais” (FRANCISCO, *Veritatis Gaudium*, 2017, n.4).

2 - Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n.74: “Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. Não se deve esquecer que a cidade é um âmbito multicultural. Nas grandes cidades, pode observar-se uma trama em que grupos de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, constituindo-se em novos sectores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis. Na realidade, convivem variadas formas culturais, mas exercem muitas vezes práticas de segregação e violência. A Igreja é chamada a ser servidora dum diálogo difícil”.

Para maior clareza da qualificação teologia do diálogo em Francisco contribui ainda a definição que ele dá ao diálogo como sendo “(...) antes de tudo, um método de discernimento e proclamação da Palavra de amor, dirigida a cada pessoa e que, no coração de cada um, quer fixar morada” (2019). Por sua vez, a postura dialógica no labor teológico deve acontecer desde a colocação dos problemas até a busca de caminhos de resolução. Deve ter a capacidade de integrar “o critério vivo da Páscoa de Jesus com o movimento de analogia, que lê na realidade, na criação e na história, nexos, signos e referências teológicas” (FRANCISCO, 2019).

Por fim, cabe ainda expor as implicações da teologia do diálogo na vida e missão daqueles que se ocupam do labor teológico. Primeiramente, dirigindo-se aos estudantes de teologia, Francisco diz que estes deveriam “ser educados ao diálogo e assim contribuir mais efetivamente para a construção de uma sociedade que valorize a diversidade e promova o respeito, a fraternidade e a coexistência pacífica” (FRANCISCO, 2019). Ainda dentro dessas implicações, vale mencionar as palavras de Francisco, reportando-se a uma carta enviada à pontifícia universidade Católica Argentina

Até os bons teólogos, assim como os bons pastores, têm o odor do povo e da rua e, com a sua reflexão, derramam azeite e vinho sobre as feridas dos homens. A teologia seja expressão de uma Igreja que é “hospital de campo”, que vive a sua missão de salvação e cura no mundo. A misericórdia não é só uma atitude pastoral mas a própria substância do Evangelho de Jesus. Encoraja-vos a estudar como refletir nas várias disciplinas — dogmática, moral, espiritualidade, direito, etc. — a centralidade da misericórdia. Sem a misericórdia a nossa teologia, o nosso direito, a nossa pastoral correm o risco de desmoronar na mesquinhez burocrática ou na ideologia, que por sua natureza quer domesticar o mistério (FRANCISCO, 2015).

Finalmente, indicando ainda as implicações de uma teologia do diálogo segundo o papa Francisco, é válido apontar atitudes e posturas que cabem aos teólogos. Segundo Francisco faz-se necessário

teólogos que saibam trabalhar juntos e de forma interdisciplinar, superando o individualismo no trabalho intelectual. Precisamos de teólogos - homens e mulheres, presbíteros, leigos e religiosos - que, em um enraizamento histórico e eclesial e, ao mesmo tempo, abertos às inesgotáveis novidades do Espírito, saibam fugir das lógicas autorreferenciais, competitivas e, de fato, ofuscantes que muitas vezes também existem em nossas instituições acadêmicas e escondidas, muitas vezes, entre as escolas teológicas (FRANCISCO, 2019).

3. A TEOLOGIA DO DIÁLOGO NO PONTIFICADO DE LEÃO XIV

Embora esteja nos primórdios de seu pontificado, já verifica-se a importância que Leão XIV

confere ao tema do diálogo e, a partir disso, percebe-se uma continuidade com a perspectiva do magistério do papa Francisco acerca de uma teologia do diálogo. A seguir, vale alguns apontamentos que elucidam tal dimensão no Sumo Pontífice.

De antemão, vale destacar nas atitudes inaugurais de Leão XIV, ainda que indiretamente, dois temas que estão estreitamente unidos à dimensão dialogal. Tratam-se dos temas da paz e da unidade. No que se refere à paz, a primeira aparição do então recém eleito papa deixou a impressão de que seu pontificado será para o tempo presente uma voz que busca construir pontes e estabelecer a paz por meio do diálogo. De sua primeira mensagem ao mundo, portanto, é significativo como a meta e o programa de paz exige a construção de pontes através do diálogo:

A paz esteja com todos vocês! Caríssimos irmãos e irmãs, esta é a primeira saudação de Cristo Ressuscitado, o Bom Pastor que deu a vida pelo rebanho de Deus [...]. Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz desarmante, humilde e perseverante. [...]. Portanto, sem medo, unidos de mãos dadas com Deus e entre nós, sigamos em frente. Somos discípulos de Cristo. Cristo nos precede. O mundo precisa de sua luz. A humanidade precisa dele como ponte para ser alcançada por Deus e seu amor. Ajudai-nos também vós, e depois uns aos outros, a construir pontes, com o diálogo, com o encontro, unindo-nos a todos para sermos um só povo, sempre em paz (LEÃO XIV, 2025a).

Elemento que se relaciona também com a dimensão dialogal é a unidade, que Leão XIV visibiliza em seu lema: *In Illo Uno Unum*, que significa “no único Cristo somos um”. Destarte, o historiador Mário Escobar observa que “o papa Leão XIV apela com este lema à unidade no seio da Igreja Católica e, possivelmente, também entre as outras confissões cristãs” (2025, p. 90).

Ainda antes de mencionar discursos e ensinamentos, destaca-se a atenção à dimensão dialogal no seu programa de governo. Além de diversas audiências com líderes religiosos, autoridades políticas e personalidades acadêmicas e culturais, algo emblemático foi sua primeira viagem apostólica. Realizada entre os dias 27 novembro a 02 de dezembro de 2025, teve como destino a Turquia, por ocasião da celebração dos 1700 anos do Concílio de Nicéia. Depois, Leão XIV foi também ao Líbano com uma clara mensagem de promoção da paz e unidade entre as Igrejas e as religiões. Com esse foco no Oriente Médio e locais com minoria Cristãs, ficou expresso uma forte dimensão ecumênica e inter-religiosa de sua viagem. Assim sendo, vale agora apresentar a compreensão do que é ser uma pessoa de diálogo nas próprias palavras de Leão XIV:

Ser homens e mulheres de diálogo significa permanecer bem enraizados no Evangelho e nos valores que dele promanam e, ao mesmo tempo, cultivar a

abertura, à escuta e o confronto com quantos provêm de outras inspirações, colocando sempre no centro a pessoa humana, a sua dignidade e a sua constituição relacional e comunitária. Trabalhar a favor do diálogo inter-religioso pressupõe, por si só, reconhecer que a religião constitui um valor tanto a nível pessoal como no âmbito social. A própria palavra *religião* contém a referência ao *vínculo* como elemento originário do humano. Por isso, quando é autêntica e bem cultivada, a dimensão religiosa confere qualidade às relações interpessoais e ajuda muito a formar as pessoas para viver em comunidade e na sociedade. E como é importante, hoje, dar valor e significado às relações humanas (LEÃO XIV, 2025b)!

Depois de apresentar como o pontificado de Leão tem se desenhado intencionalmente com forte caráter dialogal, por conseguinte vejamos finalmente alguns dos ensinamentos que expressam como o papa Prevost concebe a teologia do diálogo.

Em primeiro lugar, vejamos o que Leão XIV disse em seu discurso aos participantes no seminário promovido pela Pontifícia academia de teologia, no dia 13 de setembro.

Convido-vos, portanto, a cultivar uma teologia fundada no encontro pessoal e transformador com Cristo e tendente a encarnar-se nas vicissitudes concretas da humanidade de hoje. Encorajo-vos a dialogar, além da filosofia, também com a física, a biologia, as ciências económicas, as ciências jurídicas, a literatura, a música, para se enriquecer e enriquecer, a fim de levar o fermento bom do Evangelho às diferentes culturas, ao encontro com crentes de outras crenças religiosas e com os não crentes. Para este diálogo *ad extra*, é necessário, como sabeis, o diálogo *ad intra*, isto é, entre os teólogos, na consciência de que o rosto de Deus só pode ser procurado caminhando juntos. Espero, portanto, que a Academia se torne um lugar de encontro e de amizade entre os teólogos, lugar de comunhão e partilha, onde se possa caminhar juntos em direção a Cristo (LEÃO, 2025c).

Deste discurso, pode-se dizer que para Leão XVI uma teologia dialogal é marcada por uma transversalidade disciplinar e também de dimensões, se assim podemos dizer. Isso porque nesse trecho vemos que o papa expressa que a teologia do diálogo começa pelo diálogo com o próprio Sujeito e Objeto primeiro da teologia que é o Deus. Assim, o convite para cultivar uma teologia fundada no encontro pessoal e transformador com Cristo evoca a necessidade do teólogo de antes de falar de Deus falar com Deus.

Interessante ainda nesta interseção de dimensões, é que, para além de um diálogo *ad extra* com outras áreas do conhecimento, o papa faz questão de lembrar a necessidade de um diálogo *ad intra* entre os teólogos, que fará também a academia entrar na dinâmica sinodal de uma Igreja que

caminha junto. Nesta perspectiva, é que numa aula inaugural da Pontifícia Universidade Lateranense Leão afirmou que “a educação acadêmica ajuda-nos a ir além da autorreferencialidade e promove uma cultura da reciprocidade, da alteridade e do diálogo” (2025d).

Por fim, a teologia do diálogo é concebida pelo papa como uma diaconia para as grandes questões que indagam a Igreja e a humanidade. À vista disso, num discurso aos membros da comissão teológica internacional, Leão XIV disse:

assim como não há faculdade que a fé não ilumine, também não há ciência que a teologia possa ignorar. Através de um estudo exaustivo, sois chamados a oferecer a vossa preciosa contribuição para o discernimento e a solução dos desafios que interpelam tanto a Igreja como a humanidade inteira (2025e).

Concluindo, vale ressaltar que ao dizer que não há ciência que a teologia possa ignorar Leão XIV expressa também que a não integração da teologia com outras ciências acarreta em riscos que vão além dos muros da academia. Para isso, o papa Prevost evoca o pensamento de Bento XVI, quando disse na encíclica *Caritas in veritate*:

a excessiva fragmentação do saber, o isolamento das ciências humanas relativamente à metafísica, as dificuldades do diálogo entre as ciências e a teologia prejudicam não só o avanço do saber, mas também o desenvolvimento dos povos, porque quando isto se verifica, fica obstaculizada a visão do bem completo do homem nas várias dimensões que o caracterizam (2009, n. 31).

4. O TEOLOGAR DIALOGAL DE ADOLPHE GESCHÉ E SEU CONCEITO DE CAMPOS DE IMANÊNCIA DO CRISTIANISMO

Pelo que foi exposto acima, ficou evidente que para o papas Francisco e Leão XIV a teologia é chamada a ser uma teologia do diálogo e isso implica numa abertura para relacionar-se com instituições sociais, com centros universitários, com líderes religiosos e demais homens e mulheres de boa vontade. Ora, tal postura dialogante traz consigo uma necessária exclusão de posturas absolutistas e autorreferências que infelizmente marcaram épocas e esferas diversas do cristianismo. Usando as palavras do papa Francisco uma teologia do diálogo exige dizer:

Não apologética, não os manuais - como ouvimos: evangelizar. No centro (de uma teologia do diálogo) está a evangelização, o que não significa proselitismo. Em diálogo com as culturas e as religiões, a Igreja anuncia a Boa Nova de Jesus e a prática do amor evangélico (FRANCISCO, 2019).

Pelo fato da teologia do diálogo comportar a exclusão de atitudes exclusivistas ou absolutistas, faz-se necessário desenvolver perspectivas de abertura que reforcem o valor da alteridade e da

diversidade no fazer teológico. E justamente nesta tarefa é muito pertinente os horizontes que decorrem da compreensão que o teólogo Adolphe Gesché tem de que na estrutura interna do cristianismo existem elementos que questionam qualquer pretensão de absolutismos.

Desta forma, a seguir serão apresentados elementos, nomeados por Gesché de “campos de imanência”³, que pelo seu teor, mostraram que as dimensões dialogal, relacional e de abertura são naturais e essenciais no cristianismo. Usando as palavras do autor

Trata-se, pois, de nos perguntarmos se a própria estrutura do cristianismo, preservando, obviamente, a sua especificidade, não oferece, *na sua própria imanência*, os elementos, os traços de um possível “questionamento” do seu próprio caráter absoluto. E isto, em nome daquilo mesmo que ele é, da forma como ele mesmo se entende (GESCHÉ, 2002, p. 110).

Em outras palavras, por campos de imanência Gesché se refere ao apontamento de elementos que advém de dentro do Cristianismo que comprovam nas questões mais genuínas do cristianismo, como a doutrina da Trindade e as Escrituras Sagradas, sua abertura dialógica.

Vejamos pois os campos de imanência apontados por Adolphe Gesché, tendo como pano de fundo o objetivo de a partir deles justificar cada vez mais uma teologia (e um cristianismo) do diálogo.

- a tradição da teologia negativa e mística

Este primeiro campo de imanência explorado por Gesché remete a um princípio que desde cedo marcou a Tradição e a Escritura. Trata-se da realidade do Deus escondido que no Antigo Testamento não se podia ver sem morrer (I RS 19, 12) e mesmo no Novo Testamento, onde temos a revelação de Cristo, tem-se a clareza de que a Deus “ninguém o viu” (Jo 1, 18). Aliás, mesmo na plenitude da revelação de Cristo escuta-se D’ele: “tenho ainda muitas coisas para vos dizer” (Jo 16, 12).

Tal dimensão de ocultamente é destacada justamente pela teologia negativa quando diz que de “Deus, que não sabemos o que é, que quando muito, sabemos o que não é (daí os atributos em termos ‘negativos’: in-finito, im-material, etc.)” (GESCHÉ, 2002, p. 113). Segundo nosso autor também os místicos expressam essa dimensão “afirmando que a ‘deidade’ de Deus, isto é, Deus enquanto tal, não nos é de todo acessível, mesmo na revelação trinitária e na contemplação mais elevada” (GESCHÉ, 2002).

Dessa forma percebe-se que o cristianismo não afirma um discurso acabado e absoluto sobre Deus e o motivo, segundo Gesché, é a distância que existe entre Deus e o ser humano. Tal distância é criada e querida por Deus, realidade essa que no pensamento de Gesché é desenvolvido pelo tema da

3 - Observação: Adolphe Gesché desenvolveu essa tese no contexto da questão da relação do cristianismo com outras religiões. Sem deixar de considerar tal fato, nosso entendimento é que para o tema de uma teologia do diálogo a tese de Gesché também se faz pertinente ao fornecer uma qualificada fundamentação epistemológica capaz de fundamentar o lugar de uma teologia do diálogo.

autonomia e alteridade. No que interessa ao presente assunto vale apontar que, segundo nosso autor, a alteridade é aqui essencial, Deus é outro. O outro do ser humano. Mesmo o conhecimento revelado, que nos dá agora o direito a uma teologia “positiva” e afirmativa é parcial. Como, aliás, toda a determinação que, por si mesma, não é mais que uma determinação, deixando de resto na indeterminação (2002, p. 114).

Portanto, para Adolphe Gesché essa dimensão da teologia negativa e mística deixa claro que “o cristianismo não pretende absolutizar a revelação que o constitui. Esta, precisamente, é histórica e contingente. Só Deus é absoluto, e não o conhecimento que dele temos” (2002, p. 114).

- A reserva escatológica

Adolphe Gesché desenvolve o segundo campo de imanência apresentando elementos que expressam que a reserva escatológica é uma dimensão característica da mensagem cristã.

Há de se considerar primeiro que “apesar de um ‘já’, o anúncio da boa nova continua suspenso no ‘ainda não’, que aguardamos na esperança” (GESCHÉ, 2002, pp. 115-116). Tal dimensão se verifica também na realidade sacramental, onde o caráter de *signum* é destacado quando os sentidos falham. Também na realidade do juízo final se verifica essa escatologia ao se falar que a hora não é conhecida nem mesmo pelo Filho do Homem (cf. Mt 24,36). Apresentados esses elementos, nosso autor então constata que

o cristianismo, sem ter de recorrer a uma tolerância inspirada por outros, leva em si princípios imanentes de ‘relativização’ e de distância, que permitem considerar que não se toma como fechado em todos os pontos sobre uma certeza absoluta, como único dono da verdade e do juízo (2002, p. 118).

- A doutrina trinitária

Ao apresentar a doutrina trinitária como o terceiro campo de imanência, Adolphe Gesché faz questão de observar preliminarmente que sua concepção não tem nada a ver com uma representação relativista de Deus. Para ele o significado do discurso trinário tem relevo para o contexto da relação do cristianismo com outras religiões pelo fato de tal discurso ser

rico de uma unidade de relações, ele não é nem o Uno do estrito monoteísmo, nem do platônico, nem o muito do politeísmo. É um monoteísmo que integra, ousamos dizer, a inquietude, o rumo, a riqueza do plural. E isto sem que se trate de forma alguma de qualquer tipo de sincretismo (GESCHÉ, 2002, p. 120).

Dessa forma Gesché mostra que a doutrina trinitária expressa a segurança de que a concepção

do plural e do múltiplo não se apresenta como um mal em si. Isso em contrapartida à tradição grega e filosófica que normalmente enxergava a nobreza ligada ao “Uno”. Tal compreensão também foi na contramão da concepção monoteísta herética do arianismo e contra o triteísmo. Trata-se de “um monoteísmo, mas que descobre que o ‘Uno’ é rico de uma multiplicidade interna” (2002, p. 121). Isso é relevante para o contexto da relação do cristianismo com outras religiões pois, nas palavras de nosso autor, “a unidade que ‘suporta’ a alteridade é mais rica que qualquer outra forma de unidade” (2002, p.122).

Pelo exposto até aqui, esse terceiro campo de imanência que é a trindade constata a realidade de que

a dogmática cristã integra, desde o início, em si mesma e por razões que lhe são próprias, um discurso sobre Deus que não é estanque, mas onde o plural, a alteridade, o diferente tem o seu lugar. Quase se poderia afirmar que não é só o discurso sobre Deus, que não é estanque, mas Deus mesmo (2002, p.122).

Para o objetivo de pensar a teologia do diálogo, tal constatação tem a importante implicação de possibilitar que, nessa verificação de que o “Uno” é portador de uma pluralidade interna, mostrar que o cristianismo concebe um conceito mais flexível da unidade e faz isso introduzindo em sua linguagem uma abertura que contradiz discursos de exclusão. Portanto, recorrendo às palavras de Gesché, “com um Deus que integra a diferença, as diferenças entre os seres humanos não se suprimem por decreto. O cristianismo dá direito à diferença” (2002, p. 123).

- As Escrituras Cristãs

Adolphe Gesché começa a elucidação do quarto campo de imanência que são as Escrituras Cristãs lembrando que a religião Cristã, tal como outras, pode ser considerada como uma religião do livro e que tal característica porta em si a suspeita de uma referência absoluta que a leva a fechar-se num único sentido. Segundo nosso autor tal consideração não se sustenta diante de alguns fatos que marcam a constituição da Escritura Cristã.

Um primeiro fato que deve-se considerar é que os Cristãos aceitaram no cânone da sua Escritura a Escritura antiga dos Judeus. Assim, ao “acolher aquilo a que chamamos o Antigo Testamento, a comunidade cristã renuncia à pretensão de considerar como verdade exclusiva, as suas próprias Escrituras” (GESCHÉ, 2002, p. 124).

Por sua vez, também o Antigo Testamento é portador do que Gesché denomina “elementos de relativização”. Verifica-se isso, por exemplo, no livro do Gênesis que em seus primeiros capítulos acolhe tradições diversas nem sempre convergentes. Outro exemplo dessa abertura à diversidade nos textos vetero-testamentários encontra-se no livro de Jó, em que o redator intenta apresentar-se como um sábio oriental. Também o livro de eclesiastes expressa familiaridade com a literatura do Egito e da Babilônia e algum indício de noção dos pensamentos gregos como o epicurismo, o estoicismo ou

o cinismo. Por esses exemplos Gesché diz que o Antigo Testamento por si só expressa um campo de imanência, pois ele “oferece uma abertura a contribuições de diferentes procedências, e não reflete, na longa história da sua composição, uma concepção rígida da revelação” (2002, p. 126).

Voltando à constituição das escrituras Cristãs, Gesché reconhece que nos livros do Novo Testamento, por estarem centrados quase em sua totalidade na pessoa de Jesus, a abertura característica encontrada no Antigo Testamento fica dificultada. Porém, nem por isso pode-se conceber um fechamento do cristianismo em suas origens e experiências fundantes. Basta que lembremos dos discursos de Pedro e Paulo nos Atos dos Apóstolos e descobrimos o entusiasmo que gerou a novidade de que Deus não exclui ninguém, pois depois da Páscoa e de Pentecostes “Deus deixou de estar reservado a um povo eleito, não está refém de nenhum povo” (2002, p.127).

- O recurso à racionalidade

Este quinto ponto de imanência apontado por Gesché parte da verificação da possibilidade de uma crença em Deus e de um vivência moral sem a prática explícita da fé cristã. Tal verificação parte da teologia natural, das provas da existência de Deus e da moral natural. Para nosso autor ela se faz relevante pois expressa que

a tradição católica proclama publicamente que todo ser humano tem direito a ser salvo. Consequentemente com ela mesma, ela vai dedicar-se a construir *ela mesma*, sem que ninguém o exija, as provas que a seus olhos, possam convencer a todos os seres humanos da existência de Deus, sem que lhes seja exigida a conversão ao cristianismo. (GESCHÉ, 2002, p. 131)

Seguindo o mesmo raciocínio, Adolphe Gesché mostra que quando a moral fala da possibilidade de um encontro dos mandamentos divinos também na ordem objetiva da natureza e na consciência subjetiva (no caso de se desconhecer o evangelho) expressa também que “a teologia cristã afirma claramente que o ser humano pode encontrar a lei da salvação com os seus próprios meios” (2002, p. 131).

Enfim, procedendo dessa forma, a teologia cristã se afasta de uma fuga naquilo que Gesché denomina ser “a muralha do positivismo da revelação”, o que vai na contramão do que erroneamente alguns entendem do axioma “*extra ecclesiam nulla salus*”. Concluindo portanto essa ideia de Gesché, é válido apontar seu esclarecimento sobre este famoso axioma. Assim, Gesché lembra que

Quando o axioma foi pronunciado por S. Cipriano, e retomado, depois, por alguns sínodos e concílios, ele visava simplesmente os heréticos e os cismáticos. Eram assuntos internos que estavam em questão. Tratava-se de dizer *aos cristãos que, nas suas ‘igrejas’, eles se encontravam no caminho errado e que só a grande Igreja possuía a interpretação autêntica da verdade cristã sobre a salvação*. Tratava-se, pois, de uma fórmula interna da Igreja Cristã. Quando,

efetivamente, a fórmula foi alargada aos não-cristãos, nunca se estendeu ao ser humano que de boa fé acreditava em Deus, sem abraçar a fé cristã (GESCHÉ, 2002, p. 132) (grifo do autor).

- A luta contra a idolatria

Adolphe Gesché começa desenvolver este sexto campo de imanência chamando a atenção para a realidade de que o problema de uma religião não é o debate contra o ateísmo mas sim a luta contra os falsos deuses. Neste sentido verifica-se, por exemplo, que tanto o Antigo quanto o Novo Testamento ignoram a possibilidade do ateísmo.

Desta forma vemos que para o Antigo Testamento o maior problema é o politeísmo e também o engano a respeito do ser de Deus. Assim, verifica-se que de fato o povo de fé do Antigo Testamento foi por vezes tentado a render-se perante os deuses dos povos pagãos que os cercavam. Tal luta contra o politeísmo é tão importante que também marca quase toda literatura profética e segundo Gesché a relevância dessa questão é tamanha não somente pelo fato dos falsos deuses não existirem, pois a questão tem contornos existenciais:

Equivocar-se de deus ou sobre Deus, seguir um ou vários deuses, é dar-se a um deus que não salva, ou talvez pior adultera o ser humano. Para o ser humano é uma tragédia entrar pelos caminhos da idolatria. Neste caso, não se equivoca só sobre Deus, mas afunda no abismo a própria humanidade, e adultera sua vida (GESCHÉ, 2002, p. 140).

Interessante perceber ainda nos apontamentos de Gesché a tradução que ele faz do significado da idolatria para o homem de hoje em termos modernos. Segundo ele trata-se de uma “recusa da alteridade. Quando adora um ídolo, o ser humano não faz mais que adorar o seu próprio reflexo” (2002, p. 141).

O combate contra os falsos deuses se faz presente também no cristianismo e com a marca característica de que não se combate tanto a idolatria presente nas outras religiões como é comum. Antes, “o evangelho preocupa-se com a idolatria que pode vir do próprio cristianismo” (2002 p. 142). Tal idolatria interna significa a absolutização da própria religião reduzindo-a a interesses particulares.

Finalmente, usando as palavras de Gesché para concluir

O cristianismo sabe que não está livre de uma idolatria interna. Podemos nos interrogar, a este propósito, se a condenação das heresias não parte, no fundo, deste movimento[...]. A opção (*hairesis*), a absolutização de um ponto de vista válido em si mesmo, mas pervertido por essa absolutização, ilustra o drama que ameaça o crente desde o interior da sua própria fé, mais do que as seduções exteriores (2002 p. 144).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao expor o pensamento do Teólogo Adolphe Gesché em articulação com o conceito de teologia do diálogo segundo os Papas Francisco e Leão XIV, percebe-se a partir dos elementos dos campos de imanência do cristianismo pressupostos que permitem pensar quão relevante e urgente é conceber a teologia com o qualificativo dialógico e como tal perspectiva expressa uma Igreja que é essencialmente dialogal. Tal qualificação, sem dúvida, é marca do magistério petrino dos citados papas, mas também de toda a vida eclesial pós Vaticano II, que foi um divisor de águas ao estabelecer uma abordagem que colocou a teologia num movimento de abertura, conforme nos lembrou Francisco:

Uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II foi precisamente a de procurar superar o divórcio entre teologia e pastoral, entre fé e vida. Ouso dizer que revolucionou, em certa medida, o estatuto da teologia, o modo de agir e de pensar crente (FRANCISCO, 2017, n. 2).

A perspectiva dialogal expressa uma dimensão antropológica. Por conseguinte, a teologia do diálogo presta o serviço de conferir à teologia um lugar de relevância nas abordagens que as diversas áreas como a filosofia, psicologia e sociologia fazem a respeito do ser humano. Nesta perspectiva, Gesché de forma otimista afirma que “cada vez mais, o mundo escuta a fé e se interroga com interesse sobre o que ela poderia dizer a respeito da salvação e do ser humano” (GESCHÉ, 2004, p. 42).

É preciso assinalar no que tange à essa dimensão dialogal que o diálogo aqui não deve ser considerado de forma superficial e muito menos como uma expressão de sincretismo ou concessões identitárias em nome de diplomacia. Dessa forma, “o diálogo é um modo sério de aproximar-se conjuntamente da verdade, mas também de deixar que as diferenças persistam e respeitar o outro em sua alteridade” (KASPER, 2012, p. 371). Outra característica elementar a se destacar de uma sadia compreensão do diálogo encontramos nas palavras de Joseph Ratzinger, quando ensina que “diálogo só se dá quando não acontece só o falar, mas também o ouvir e quando no ouvir se realiza o encontro, no encontro o relacionamento e no relacionamento a compreensão, como aprofundamento e transformação do ser” (2008, p. 28).

Por fim, a consideração da teologia do diálogo e da essência dialogal da Igreja que derivam dos apontamentos dos campos de imanência de Adolphe Gesché, devem colocar os teólogos e demais fiéis no característico sonho do pontificado de Francisco que era o de “uma Igreja em saída”. De fato, conforme nos lembra a *Evangelii Gaudium*, “na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de ‘saída’[...]. Todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (2013, n. 20).

Finalmente, que o olhar para a teologia do diálogo do Papa Francisco e Leão XIV e o ensinamento de Gesché, que é um teólogo do diálogo de alguma forma possa inspirar novas gerações de teólogos e

teólogas que, sem medo do caminho do diálogo, consigam expressar a humildade e abertura da Igreja cientes de que, “o Cristianismo, quando se apresenta para o exterior com esta ‘Kenosis imanente’ pode encontrar menos obstáculos na sua expressão e compreensão” (GESCHÉ, 2002, p. 150).

REFERÊNCIAS

BENTO XVI, papa. **Carta encíclica Caritas in Veritate**: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Disponível em: http://vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 04 dez. 2025.

ESCOBAR, Mario G. **Leão XIV**. Tradução Inês Guerreiro. Lisboa Pr: Nascente, 2025.

FRANCISCO, papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html> Acesso em: 01 dez. 2025.

_____. **Constituição Apostólica Veritatis Gaudium: sobre as Universidades e as Faculdades eclesiais**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html#_ftn14. Acesso em: 25 Nov. 2025

_____. **Discurso por ocasião do simpósio “A teologia depois da veritatis gaudium no contexto do mediterrâneo**. [Discurso]. Praça diante da Faculdade de Teologia da Itália Meridional, 01 de jun. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190621_teologia-napoli.html. Acesso em: 24 Nov. 2025

_____. **Carta ao Grão Chanceler da “Pontifícia Universidade Católica Argentina” no centenário da Faculdade de Teologia**. Vaticano, 03 de março de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 26 Nov. 2025.

GESCHÉ, Adolphe. **O paradoxo do Cristianismo**: Deus entre parêntesis. Braga Pr: Editora Franciscana, 2002.

_____. **A destinação**. São Paulo: Paulinas, 2004. (Deus para pensar, v. V. V/7)

KASPER, Walter. **A Igreja Católica: essência. realidade , missão**. Tradução Nélcio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.

LEÃO XIV, papa. **Primeira bênção Urbi et Orbi do papa Leão XIV.** [Mensagem] Vaticano, 08 mai. 2025a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/urbi/documents/20250508-prima-benedizione-urbietorbi.html>. Acesso em: 01 dez. 2025.

_____. **Discurso aos membros do “Working Group on intercultural and interreligious dialogue.** [Discurso]. Vaticano, 29 set. 2025b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/september/documents/20250929-interreligious-dialogue.htm>. | Acesso em: 02 dez. 2025.

_____. **Discurso aos participantes no seminário promovido pela Pontifícia academia de teologia.** [Discurso]. Sala Clementina, Vaticano, 13 set. 2025c. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/september/documents/20250913-seminario-pat.html> . Acesso em: 05 dez. 2025.

_____. **Discurso por ocasião da inauguração do ano acadêmico da Pontifícia Universidade Lateranense.** [Discurso]. Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, 14 nov. 2025d. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/november/documents/20251114-inaugurazione-lateranense.html> . Acesso em: 05 dez. 2025.

_____. **Discurso aos membros da comissão teológica internacional.** [Discurso]. Sala do Consistório, Vaticano, 26 nov. 2025e. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/november/documents/20251126-cti.html>

RATZINGER, Joseph. **Natureza e missão da teologia.** Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2008.